

# Redescobrimo as Cruzes lá onde Foram Erguidas

## Reflexões sobre uma Arqueologia do Proletariado<sup>1</sup>

Friedrich Erich Dobberahn  
Verner Hoefelmann

### I — A Beleza Enganadora das Sociedades Feudais e Escravagistas

Desde sempre, o estreito território entre a margem oriental do Mar Mediterrâneo e o deserto da Jordânia era uma espécie de peteca política para as grandes potências do Oriente Médio e de seus interesses. Israelitas, filisteus, egípcios, assírios e babilônios, persas, ptolemeus, romanos, bizantinos, muçulmanos, cruzados, reis e papas, turcos, ingleses, franceses e, por fim, judeus e árabes, assentaram o seu carimbo sobre esta terra que chamamos de Palestina, nome derivado do povo filisteu. Palácios, edificações monumentais, fortalezas e casamatas, templos e teatros, cemitérios, igrejas e conventos, aquedutos e portais falam das realizações dos poderosos. São eles que conseguiram entrar na história e que conseguiram perpetuar os seus nomes. O que sabemos da história, praticamente, o sabemos apenas através deles. E se não foram eles mesmos, foram os seus historiadores, foram os poetas da sua corte que formularam o que, enfim, foi esculpido, cinzelado, rascunhado e escrito em paredes rochosas, no mármore polido dos templos, nos arcos de triunfo, em rolos de papiro, nas tábuas de argila, armazenadas nas bibliotecas reais ou nos templos.

Na Palestina, no entanto, entraram em choque não apenas as grandes potências que ali levaram a termo os seus conflitos políticos e econômicos. Desde sempre, a história se fez não somente daquilo que os poderosos pensaram e transformaram em realidade. O povo simples e humilde também se “mexeu”. Houve empobrecimento e sublevação, êxodo e imigração, fuga do campo e tomada da terra, opressão e revoltas de fome. Ao lado dos palácios e dos jardins dos ricos, encontravam-se os barracos e as oficinas dos pobres. Sistemas surgiram e desapareceram, dinastias foram extintas. Cronistas e carrascos nem sempre eram idênticos. As vítimas da história, sem dúvida, tiveram parte, arqueologicamente comprovável, na mesma — uma parte, no entanto, que pode ser reconstruída apenas com grandes dificuldades. Sob a imposição brutal de interesses políticos, militares e religiosos, muitas vezes, foi feito em ruínas e violentamente sufocado o que falava e dava testemunho de vanguardas e ordens alternativas, de oposição, dissidência e revolução. No entanto, também isto faz parte da missão da arqueologia: a *Arqueologia do Proletariado!* As grandes realizações culturais do Egito e da Mesopotâmia, sua imponente arquitetura e suas brilhantes técnicas

de irrigação, todas as suas belas esculturas, suas manufaturas de jóias, suas literaturas, mitos, fábulas, poesias, suas reformas jurídicas, sabedorias e seus sistemas filosóficos — tudo isto ainda não representa em pleno sentido o que chamamos de “Antigo Oriente”. A este conceito cabe, do mesmo modo, também a fúria sangüinária de suas guerras imperialistas, seu terror da exploração escravagista, o tormento de uma humanidade que, como hoje em dia, também já naquela época não desistiu de exigir o seu direito na história.

## II — A Ótica Diferente de uma Arqueologia para a América Latina

“Onde se escava a história do povo simples?” Esta foi a pergunta que nos norteou no decorrer dos dois meses de curso. Será que também a arqueologia nos oferece a possibilidade de compreender a história sem que a transformemos em processo de salvação pela simples admiração dos seus imponentes monumentos? Não são necessariamente sabedoria, amor e justiça que se expressam nas elegantes colunas, nas suas caneluras maravilhosamente traçadas, nos seus capitéis suntuosamente ornamentados. O sublime efeito que emana da alta beleza de tais obras de arte arquitetônicas ainda não faz da salvação o senhor da história.

Mais concretamente falando: que níveis alcançou o bem-estar das pessoas e como os frutos de trabalho foram distribuídos? Ou: havia algo como um conflito cidade/campo, assim como hoje existe um conflito entre Norte e Sul do nosso planeta? Ou: existem indícios de conflitos sociais no interior de regiões geograficamente coesas, senão até dentro de uma cidade, dentro de um povoado? Ou: como variavam processo de produção e bem-estar nos diferentes períodos culturais? A estas questões ético-sociais que, por exemplo, J. K. de Geus já levantou<sup>2</sup>, agregou-se para nós mais uma: *quem escava e com que interesse se escava?* Existe, no mercado de publicações arqueológicas, literatura dispendiosamente impressa em que os autores se restringem a registrar milhares de lamparinas. Há projetos de pesquisa caríssimos que levam até vários anos para “escavar” uma única preciosa peia.

A fascinação pelas amostras mais brilhantes da antiga arquitetura ou o preconceito de que o povo simples não teria deixado rastros de sua vida e do seu trabalho, aproveitáveis do ponto de vista arqueológico, não conseguem esclarecer, por si só, por que a arqueologia tradicional se ocupou tão pouco com a “Arqueologia do Proletariado”, para dar voz também aos seres humanos que viraram objetos da imperante injustiça.

Exemplos característicos representam, neste sentido, os livros de A. S. Kapelrud sobre “As descobertas em Ras-Shamra (Ugarite) e o Antigo Testamento”, de 1967, e o livro de M. Magall sobre “Arqueologia e Bíblia”, de 1986. O primeiro, praticamente, restringe-se à abordagem das divindades de Ugarite (El e Ba'al) e do culto (festas, sacrifícios, rituais, mitos e hinos ugaríticos)<sup>3</sup>. O segundo, mais recente, não fornece ao leitor nenhuma informação arqueológica sobre a sociedade classista durante a realeza e os con-

flitos sociais, admirando, sim, os grandes avanços culturais e arquitetônicos da história israelita<sup>4</sup>.

Um outro exemplo que, durante as nossas visitas aos “sítios”, chamou a nossa atenção é Tirsá, a primeira capital do Reino do Norte<sup>5</sup>. O arqueólogo R. de Vaux havia escrito, já em 1968:

“En Tirsá, la actual tell el-fâr’ah, cerca de Naplusa, las casas del siglo X a.C. tiene todas las misma dimensiones y la misma instalación; cada una representa la morada de una familia, que llevaba el mismo tren de vida que sus vecinas. Es notable el contraste cuando se pasa al nivel del siglo VIII en el mismo emplazamiento: el barrio de las casas ricas, más grandes y mejor construidas, está separado del barrio en que están hacinadas las casas de los pobres.”<sup>6</sup>

Nos dois séculos que separam os estratos III e II, de fato, ocorreu uma mudança social, como é comprovável também pelo próprio AT. São os profetas do século VIII que condenam o luxo das moradias, das bebedeiras, das vestimentas, as especulações com casas e campos, os mecanismos de endividamento, desapropriações de terras, de empobrecimento em geral<sup>7</sup>, a má distribuição da renda em seu todo.

Diante deste abismo social claramente visível, a discussão arqueológica entre nós, todavia, prendeu-se a um detalhe relativamente secundário que, aliás, já é conhecido sobretudo da arqueologia das cidades islâmicas: afinal, existiu realmente este “muro de divisão” entre a parte pobre e a parte rica da cidade de Tirsá, ou não? Ou era aquilo que, coincidentemente, localiza-se na linha divisória entre pobres e ricos, apenas o muro externo de *um conjunto maior* de edificações? Que havia algo que impedia o acesso ao bairro dos ricos, não dava para negar. A discussão entre nós, no entanto, passou para o nível do acadêmico; o assunto não era mais o destino social dos miseráveis na cidade de Tirsá no séc. VIII a.C.; era, sim, a perícia arqueológica em si: muro ou parede de um prédio? Sua função, aliás, tinha de ficar em aberto.

No seu estudo “A cidade oriental”, E. Wirth apontou para o fato de que as cidades orientais, residências da camada dirigente, viram-se forçadas a defender-se não somente contra inimigos “de fora”, *mas também contra inimigos “de dentro”*. Tumultos e rebeliões, motins e saques eclodiram também no interior das cidades, como sabemos, por exemplo, das tábuas de argila de Tell El-’Amarna do séc. XIV a.C.<sup>8</sup>. Tropas forasteiras, operários estrangeiros<sup>9</sup>, artífices, trabalhadores e os membros da aristocracia ocupavam, cada grupo, seus quarteirões nitidamente delimitados<sup>10</sup>. O castelo real não se encontrava no centro da cidade, mas era assentado como cidadela sobre o muro da cidade. Os dinastas podiam fugir, deste modo, tanto para fora como para dentro da cidade. As áreas de trabalho eram separadas por muros internos e portões. Tudo isto, para poder localizar, ou seja, sufocar mais facilmente eventuais rebeliões dentro da cidade<sup>11</sup>.

Seria, por conseguinte, apenas interesse arqueológico genuíno que, nos últimos tempos, põe em dúvida a existência de tal muro? Não estariam em

jogo, por trás de uma erudita argumentação arqueológica, cautelas de ordem sócio-política? Qual destas duas posições deixa-se levar por interesses ideológicos? Os arqueólogos que negam ou os que defendem a existência de tal muro divisório?

### III — A Contemporaneidade do Mundo Antigo com o Nosso Mundo

O já citado J. K. Geus constata que a arqueologia da Palestina, desde sempre, encontra-se sob a influência demasiadamente forte de um questionamento histórico-literário. Israel apareceu meramente como um fenômeno espiritual-religioso, ilustrado, de vez em quando, por seus aspectos materiais, históricos, étnicos e culturais<sup>12</sup>. A conseqüência disto era, conforme F. Crüsemann, a de que praticamente todas as teologias do AT foram escritas *sem a necessária relação* com a arqueologia<sup>13</sup>. Com isto, também as acusações sociais dos profetas do século VIII a. C. foram explicadas unilateralmente a partir da religião e apenas raramente a partir das lutas pelo poder econômico. Como exemplo disto remetemos a um artigo de A. Kuschke de 1939, em especial a seu comentário sobre Is 3.15; 10.2 e Mq 2.8s.; 3.3<sup>14</sup>. Para a ótica teológica que inclui na arqueologia o fator econômico, tão relevante para a América Latina, deparamos com descobertas muito concretas durante os nossos dois meses de estudo em Israel e na Jordânia. Relacionado com isto, gostaríamos de apresentar duas observações arqueológicas intimamente ligadas ao contexto da América Latina.

#### a) A Destruição Violenta de Estruturas Sociais Intactas pelos Interesses de Grandes Potências

Para fazer uso de algumas formulações de F. Crüsemann (que, aliás, visitou a nossa EST, em São Leopoldo/RS, em setembro de 1987): nós vimos como o pobre povoado de Hasor XI (séc. XI a.C.) foi transformado na fortificação de Hasor X (séc. X a.C., = época de Salomão) com muro, portão e palácio. Em Tell 'Arad, Tell el-Milh e Tell es-Seba' vimos como as pequenas aldeias da Idade do Ferro I (a partir de 1200 a.C.), já no início da realeza (a partir de 1020 a.C.) transformaram-se em grandes fortificações<sup>15</sup>. Registramos em Berseba a superposição de um lugarejo, originalmente aberto, por uma cidade planejada e organizada centralisticamente. Sua característica principal, a nosso ver, eram os celeiros, proporcionalmente muito grandes em relação à própria cidade. Entendemos a função destes depósitos como centros de arrecadação dos impostos cobrados em produtos naturais<sup>16</sup>. Poderíamos estender esta série de exemplos: em Hirbet el-Msas observamos que o prédio n° 411 (estrato II = séc. XII-XI a. C.) foi fortificado quando, no século X a. C., a realeza surgiu (cf. extrato I, prédio n° 402)<sup>17</sup>. Logo depois destas primeiras fortificações, todo o sítio foi abandonado em benefício de uma fundação nova (= Tell 'Ira), circunvalada de muros<sup>18</sup>. Assim sendo, ficou claro para nós que, nos séculos X a VIII a.C., processava-se *uma profunda reviravolta estrutural* da sociedade israelita.

No seu livro *Primer of Old Testament Archaeology*, H. J. Franken e C. A. Franken-Battershill descreveram a construção do palácio do usurpador On-ri (878/7-871/0 a.C.) como “cidadela bem fortificada, onde, protegida por muralhas bem fortes, (...) sua monarquia despótica podia florescer.”<sup>19</sup>

Em nenhum caso destes exemplos, diz Crüsemann, as transformações arqueologicamente comprováveis teriam se desenvolvido dentro de um processo orgânico de crescimento destas povoações acima mencionadas. A autonomia original dos povoados sofreu um revolvimento imposto por interesses alheios que, em benefício de uma rápida expansão do Estado, desestruturaram a vida agrária<sup>20</sup>. — O século XX foi o século da industrialização para o Brasil e de um total revolvimento do setor agrário. Êxodo rural e urbanização tomaram proporções assustadoras. Grandes interesses, centralizados com a ajuda dos militares, destruíram paisagens inteiras, construíram represas e usinas gigantescas, abriram estradas através da Amazônia e dirigiram a produção agrária unilateralmente para a exportação. Os séculos X e VIII a.C. trouxeram a Israel um destino semelhante. Naqueles séculos surgiram em Israel as grandes residências; a monarquia, alicerçada numa administração central e num exército profissional, foi amplificada conseqüentemente; os palácios, os castelos e as fortificações foram pagos pelo suor do povo simples no campo. Também projetos monumentais como a cidade de Jerusalém, Samaria, Megido VA-IVB (séculos X a VIII a.C.), Láquis V-IV (séculos X a IX a.C.), levaram a graves conseqüências negativas sobre as estruturas de vida do povo, até então relativamente intactas.

### **b) Crises Econômicas Devidas às Dívidas Externas**

Um outro resultado de observações arqueológicas que chamou a nossa atenção foi o fenômeno *da estagnação e da crise econômica* no fim do século VIII a.C. Durante um dia de estudos em nosso Instituto em Jerusalém, ocupamo-nos com a cerâmica da Idade do Ferro I A (= século XII a.C.) até a Idade do Ferro II C (= séculos VIII e VII a.C.). A cerâmica de Samaria, na segunda metade do século IX a.C., representa o auge da habilidade e do bom gosto artísticos. Depois desta fase, não mais se registrou um real avanço. Pelo contrário: qualidade, acabamento e pintura declinaram visivelmente. Por ocasião de uma visita a Megido conseguimos fazer, neste contexto, duas outras observações.

A casa de quatro quartos, sobretudo no século X a.C. de acabamento luxuoso, foi substituída a partir do século VII a.C. pela “casa assíria”, isto é, por uma casa muito mais simples, mas com maior espaço, construída em torno de um grande pátio; tudo isto, provavelmente, para abrigar um número bem mais elevado de pessoas. Aparentemente houve, em Israel, no fim da era dos reis, diante de um aumento populacional, carência de moradias, a qual teve de ser enfrentada com uma espécie de “moradia popular”. Caiu na vista também o enorme silo de cereais em Megido com uma capacidade de cerca de 450 metros cúbicos. Este silo data do final do século VIII a.C., quando Megido se tornou um dos centros

administrativos provinciais da Assíria<sup>21</sup>. Esta última observação esclareceu-nos a causa da estagnação econômica e da crise de Israel a partir da segunda metade do século VIII a.C.: assim como H. Bardtke já havia constatado, foram as dívidas externas assírias que chegaram a destruir a nação, melhor, que arruinaram a economia do povo simples<sup>22</sup>. Além das enormes somas que as províncias israelitas da Grande-Assíria (Megido, Dor e Gileade) tiveram de levantar para as campanhas bélicas dos reis assírios, havia ainda os tributos anuais<sup>23</sup>. Com isto, a agricultura, essencialmente autônoma, teve de adaptar-se à cobrança de tributos, isto é, à produção de excedentes.

#### IV — Sítios Arqueológicos Que Desafiaram Nossa Pesquisa

O curso ofereceu impulsos para vários projetos de pesquisa. P. ex., as investigações arqueológicas de I. Finkelstein em 'Izbet Sarta'<sup>24</sup>. Quanto à sedentarização de grupos pré-israelitas, as mesmas levantam sérios questionamentos para a exegese latino-americana, influenciada talvez demasiadamente por G. E. Mendenhall<sup>25</sup> e N. K. Gottwald<sup>26</sup>. Os resultados de I. Finkelstein e suas possíveis conseqüências serão abordados mais tarde num outro fascículo dos Estudos Teológicos. Aqui, gostaríamos de apresentar brevemente alguns outros sítios arqueológicos, significativos, a nosso ver, para uma *Arqueologia do Proletariado*.

##### A) “A Morte É mais Desejável do que a Vida...”

A “colina dos escravos” em Timna, o sítio n° 30<sup>27</sup>, não obstante oferecer farto material para uma *Arqueologia do Proletariado*, resvala em alguns manuais arqueológicos visivelmente para um lugar secundário em relação às amostragens do santuário da deusa egípcia de Háthor<sup>28</sup>. São lugares como Timna, porém, que deram ao Egito o seu nome bíblico: “fornalha de ferro”<sup>29</sup> — a mais incisiva metáfora para a denúncia da opressão dos filhos de Israel no Egito.

Em Timna investigamos especialmente as questões relacionadas à extração e fundição de cobre. Interessaram-nos sobretudo o processo de produção e as condições de vida e trabalho dos mineiros, arqueologicamente comprováveis pelos locais de moradia, pelas torres de vigia, pelas instalações de extração do mineral, pelas minas e galerias, pelos depósitos e fornos de fundição.

As escavações demonstraram que não se trata de minas de cobre do rei Salomão, e sim, de empreendimentos dos faraós do Novo Reinado (a partir de Seti I, 1303-1290 a.C.). Podem-se distinguir em Timna três camadas estratográficas, formadas entre os séculos XIV e X a. C. Em todos os três estratos foram encontrados restos da cerâmica midianita<sup>30</sup>. Com certeza foram midianitas ou quenitas — segundo Jz 1.16; 4.11 ascendentes dos midianitas — que aqui trabalharam como peritos em metalurgia e como capatazes a serviço dos egípcios. Sabe-se que os faraós enviavam expedições de 200-500 e até 800 pessoas para extrair o metal “três vezes mais brilhantes

te do que ouro”<sup>31</sup>. F. Petrie, em seus *Researches in Sinai*, descreveu como tais expedições eram organizadas. Podiam-se diferenciar nelas 25 categorias de altos funcionários, oito categorias de artesãos e nove de trabalhadores escravos<sup>32</sup>.

### 1) Condições de Vida e Trabalho nos Poços e Galerias

Após a exploração do minério na superfície, escavavam-se poços e galerias nas profundezas dos rochedos. Degraus esculpidos nas paredes laterais facilitavam o acesso ao interior dos poços, com diâmetro de 70 a 90 cm. As galerias subterrâneas, por sua vez, mediam 60 a 80 cm de altura. Eram previstas, portanto, para pessoas com constituição física relativamente pequena.

Para avançar a ramificação das galerias, as mesmas foram abertas da seguinte maneira: buracos com formato cônico de cerca de um metro de extensão eram sondados nas paredes das galerias, o que permitia constatar (ou não) a existência do mineral. Em caso positivo, o buraco era ampliado e, deste modo, a galeria avançava. Os arqueólogos constataram também poços de ventilação que foram abertos para aumentar a quantidade de ar. Trata-se de perfurações com diâmetro de uma cabeça. Apesar delas, praticamente não havia possibilidade de comunicação e reunião entre as diversas equipes de trabalho, o que tornava impossível qualquer tentativa de motins subterrâneos.

H. G. Conrad<sup>33</sup> calcula que trabalhavam em cada poço cerca de três escavadores e dois carregadores, além de um guarda ou prospector. As galerias baixas e apertadas não permitiam levantar o corpo, de modo que se trabalhava sentado ou deitado. O grande esforço físico dos cinco ou seis trabalhadores, entre eles provavelmente também crianças, além do carvão em brasa para iluminar a escuridão das galerias, tornava elevado o consumo de oxigênio. O processo de trabalho, além disto, fazia o ambiente carregado de poeira. Como mostram restos de comida encontrados nas galerias (sobretudo caroços de tâmaras), as próprias refeições eram feitas no subsolo.

A escuridão das galerias exigia que o material coletado no subsolo fosse avaliado à luz do dia. Ele era transportado para fora de diferentes maneiras: os baldes carregados com o produto passavam de mão em mão, ou eram puxados através de cordas (como indicam os sulcos à beira dos poços — e de manivelas (como mostram os buracos em que estavam fincados os postes). H. G. Conrad<sup>34</sup> questiona a utilização de *Trethaspeln* (= sarilhos movidos com o pé) em Timna, o que teria exigido menos força muscular, mas teria diminuído a rapidez dos trabalhos. Em relação às manivelas introduzidas em Timna, ele estima 1,50 m de corda por giro. O balde utilizado devia ter comportado algo em torno de 10 kg. Se estes cálculos correspondem à realidade, então o processo de extração do material implicava um trabalho penoso, pensando unicamente *em função da rapidez, da eficiência e do lucro*.

## 2) *Condições de Vida e Trabalho nos Fornos e Foles*

Inicialmente o material trazido à superfície devia ser quebrado com martelos e avaliado. Os fornos eram então enchidos com pedaços de minério, com ganga, com produtos fluidificantes e carvão vegetal incandescente. Por várias horas, o interior dos fornos precisava ser mantido a uma temperatura de 1200° Celsius. Os fornos, cujos dois tipos alteravam entre 0,02 e 0,06 m cúbicos de capacidade, recebiam acabamento de cerâmica. Sua parte inferior, em forma de pera, era fixada ao chão e vedada com o auxílio de barro ou pedra para evitar o “ar falso” e a perda de temperatura. Dependendo do tipo de forno, 750-1200, respectivamente 150-200 litros de ar por minuto precisavam ser providenciados através de foles movidos com os pés, para manter a temperatura ideal de fundição.

Terminado o processo de fundição, a ganga era escoada para um terreno baixo em frente ao forno. Sob a abertura do forno encontrava-se um pequeno canal com carvão incandescente para facilitar o escoamento. Investigações nos estratos II e III (séculos XIV a XIII a.C.) mostram que, nesta fase de produção, ainda não se sabia separar satisfatoriamente a ganga do cobre, de maneira que a ganga esfriada teve que ser quebrada em pedaços para a obtenção do metal. Numa fase posterior (estrato I, séc. X a.C.), alcançou-se uma separação química pela adição de óxido de manganês. Pingos do metal iam se depositando no fundo da fornalha durante o processo de fundição. Depois que a ganga, mais leve, havia sido escoada, o cobre devia ser retirado de dentro do forno. Nesta fase, portanto, os fornos eram quebrados na parte da frente para a retirada do cobre, sendo posteriormente consertados para a reutilização. Isto explica a existência de tantos locais de preparação de barro nas imediações (nos quais provavelmente trabalhavam mulheres). No sítio 30 foram encontrados cerca de 1000 restos de fornos de fundição.

Em fins de agosto, sob o calor infernal de Timna, nós pudemos imaginar o que teria significado quebrar pedras numa temperatura de 40° à sombra, carregá-las para os fornos, trabalhar à sua volta, pisar várias horas nos foles para manter os fornos a 1200° Celsius. Aos que não tiveram a oportunidade de visitar Timna pessoalmente ou àqueles a quem falta força de imaginação, recomendamos a leitura de Diodoro, Siculus III, 12-13<sup>35</sup>. Ali se fala sobre a miséria nas minas egípcias, que clama aos céus. O que aqui se descreve sobre o sofrimento humano nada fica a dever a Jó 24 ou ao que Thomas Morus relata sobre o sofrimento dos agricultores ingleses<sup>36</sup>. Em tal situação, “a morte é mais desejável do que a vida”. Quão elevado terá sido o índice de suicídios nestes campos de trabalho, cercados por muros e torres de vigia?

## 3) *Nossa Reação como Pessoas Afetadas e Abaladas*

Pensar que em Timna os gritos e as orações dos escravizados e das crianças moribundas não encontravam nenhum eco, é tão horrífico como



pensar em Bergen-Belsen, em Treblinka ou nas favelas da América Latina. No dizer de F. Hinkelammert:

Todo o Terceiro Mundo está coberto por um gigantesco arquipélago de lugares que se distinguem de Bergen-Belsen unicamente pelo fato de que não têm arame farpado em volta...<sup>37</sup>

Mesmo estando pessoalmente sob o calor de Timna, não nos poupamos a leitura de Diodoro. Repetidas vezes, discutimos em nosso grupo o que um tal conhecimento mediado pela arqueologia teria de tão essencial a ver com o nosso tempo, em especial com situações como as que enfrentamos no Brasil. Lemos Jó 28, um texto que trata de minas e de ganância humana. “Da terra (em cima) procede o pão, mas em baixo ela é revolvida como por fogo”, diz o versículo 5 com uma simplicidade que desarma. E, de fato: o que o ser humano necessita para sobreviver, do que ele precisa para que todos fiquem saciados, isto não se encontra embaixo do solo, isto não tem de ser extraído às custas da vida e felicidade humana, às custas do clamor de pessoas “aniquiladas pelo trabalho”, de inúmeros homens, mulheres e crianças que morrem sem ter chegado a conhecer seus direitos.

B. Rothenberg e outros não apenas descreveram a miséria dos escravos de Timna, mas também a gigantesca destruição do meio ambiente, a hecatombe das florestas de acácias e tamareiras. Em Timna, conforme cálculos feitos por B. Rothenberg, H. G. Conrad e H. G. Bachmann, 50 homens tinham que trabalhar 330 turnos por ano para chegar a 100 m cúbicos de produto de extração. Deste material, por sua vez, conseguia-se 300 kg do metal cobiçado. Por fornada, necessitava-se de 30 kg de carvão vegetal. Um único quilo do metal devorava 11,1 kg de carvão, o que, por sua vez, equivale a 50-60 kg de lenha. Portanto, queimavam-se em Timna por ano 15-18 toneladas de madeira, ou seja, ca. 800-900 acácias ou tamareiras em uma região pouco arborizada<sup>38</sup>.

## **B) A Avidez de Glória e Suas Cruzes de Mármore**

Reações semelhantes tivemos ao nos defrontarmos com as *construções de Herodes* (37-4 a.C.), com seu caráter político-ideológico manifesto. Nelas deveria ganhar feição a idéia romana de salvação, a ideologia das forças de ocupação com efeitos intimidadores sobre as populações locais. Herodes se compreendia a si mesmo como o mandatário judaico da idéia romana de reino. Sem qualquer apoio popular, dependente politicamente das tropas romanas de ocupação, Herodes pretendia integrar o povo judaico na *Orbis Terrarum* romana. Como mostrou A. H. J. Gunneweg em seu livro “A história de Israel”<sup>39</sup>, Herodes estava convicto de ser um “matiz” do salvador Augusto (= Octaviano, 27 a.C.-14 p.C.). A expressão arquitetônica desta autocompreensão somente podia ser alcançada mediante elevados impostos extorquidos junto à população.

A resistência de amplos setores da população ao monarca mostrou-se já entre os anos de 37-25 a.C., período de consolidação de seu poder. Seu

pai e avô eram idumeus e não pertenciam originalmente à comunidade judaica. Por isto, boa parte da população o rejeitava como rei legítimo em Israel. A idéia de suportá-lo como “medida disciplinar” da parte de Deus, propagada por alguns fariseus, jamais conseguiu acalmar os ânimos da população. Seu messianismo colorido romano, sua inclinação para o helenismo e os impostos infligidos à população tornaram-no o monarca mais odiado de Israel<sup>40</sup>.

### 1) *A Ideologia de um Monarca Convertida em Pedra*

Felizmente, as informações arqueológicas sobre as construções de Herodes podem ser complementadas por informações literárias, sobretudo de Flávio Josefo. Como se expressava arquitetonicamente a ideologia alienante do poder estrangeiro e quais os sacrifícios que exigia da população judaica?

O período “áureo” do governo de Herodes se estende de 25-13 a.C., exatamente a época em que foram concluídas as construções mais importantes. Boa parte delas estava a serviço do culto ao imperador e da celebração de jogos quadrianuais em sua homenagem. Templos dedicados ao imperador, teatros e anfiteatros, ginásios, estádios e hipódromos, novas cidades fundadas e denominadas segundo o imperador: tudo isto servia para mostrar sua lealdade ao grande império. Como imagem do salvador romano, era lógico que Herodes também pensasse em palácios e castelos para o seu uso pessoal.

Em *Jerusalém*, Herodes mandou construir um teatro, um anfiteatro e talvez também o hipódromo da cidade. O majestoso palácio real, ornado com ouro e mármore, estava cercado por uma grande fortificação que servia simultaneamente de castelo para a cidade alta. Com grande luxo, o palácio foi provido de um amplo jardim, com locais de passeio, canais d’água e tanques embelezados com obras de arte. O outro castelo, ao norte do templo, foi construído no período de Antônio e denominado de “Antônia” em homenagem ao triúmviro. Estava situado numa plataforma rochosa a 25 m de altura, cobrindo uma área de 150 por 90 m. Três torres de 25 m e uma de 35 m de altura fortaleciam os cantos da muralha, possibilitando uma supervisão de toda a área do templo. De fora assemelhava-se a uma fortificação. Internamente era um palácio, com residências, salas de representação, banhos, caserna e arsenais. O templo, reconstruído para adequá-lo aos edifícios vizinhos, deve ser contado entre as obras mais majestosas. No “Muro das Lamentações” vimos restos dos muros imponentes que cercavam os 140.000 m quadrados da área do templo. Sua construção, iniciada em 19 a.C. e inaugurada provisoriamente após a conclusão da casa do templo, só foi terminada no período do procurador Albino (62-64 d.C.), poucos anos antes de sua destruição definitiva. Sua pompa tornou-se proverbial: “Quem não viu esta obra de Herodes ainda não viu nada de belo”, dizia um provérbio contemporâneo. Os discípulos de Jesus, ao que parece, compartilhavam a mesma opinião<sup>41</sup>. Flávio Josefo informa que 18.000 trabalhadores ficaram sem emprego após o término da construção<sup>42</sup>.

Entre 22-10 a.C., Herodes mandou construir, 30 km ao sul do Carmelo, a cidade marítima de *Cesaréia*, assim denominada em honra ao imperador César Augusto (Otávio). Destaque especial merece aqui a construção do porto da cidade. Para proteger os navios contra as tempestades, foi construído um gigantesco dique, mar a dentro, com material buscado de longas distâncias. Sobre os diques foram erguidas casas para os marinheiros. No meio da cidade, numa colina artificial, Herodes mandou edificar um templo dedicado a Augusto e a Roma. Outras construções, como o anfiteatro, o teatro, a praça, o hipódromo foram edificadas de forma a corresponder ao nome da cidade, como nos informa Josefo<sup>43</sup>. O teatro tinha capacidade para 5.000 espectadores, com um lugar ao centro destinado ao rei (depois, ao procurador). O anfiteatro, cuja arena media 95 por 62 m, excedia em tamanho até mesmo ao Coliseu de Roma. O hipódromo comportava 20.000 expectadores. Um aqueduto de 12 km, cujos restos sobrevivem ao tempo, conduzia água potável de fontes ao sul do Carmelo.

Alguns anos antes, Herodes mandara reconstruir a cidade de *Samaria*<sup>44</sup>, chamando-a de Sebaste (forma grega de Augustus), em honra ao imperador Octávio, contemplado recentemente com o novo título. 6.000 colonos foram assentados na região, em parte soldados de reserva. Os muros da cidade cercavam uma área de 80 ha. As fortificações foram renovadas e ampliadas. Uma estrada colunada no topo da colina conduzia à acrópole, onde Herodes mandou construir um templo dedicado ao protetor Augusto. Um pátio de 70 m e uma escadaria de 25 m de largura levavam ao templo propriamente dito, com 35 por 24 m de dimensão. Ali ficava o grande altar, em cujas imediações os arqueólogos encontraram uma estátua do imperador com 3 m de altura.

A atividade de Herodes não terminava por aí. Em lugar da antiga *Kapharsaba* ele fundou uma nova cidade, denominada de Antipatris em homenagem ao seu pai. *Jericó* foi transformada em um luxuoso centro terapêutico com enormes jardins, tanques, anfiteatro e hipódromo. De ambos os lados do Wadi el-Kelt foi erguido um suntuoso palácio de inverno que Herodes tinha como um dos preferidos. Aqui ele morreu em 4 a.C., não sem antes mandar prender 15.000 judeus no hipódromo da cidade. Sabendo que a população iria antes festejar do que lamentar sua morte, os infelizes deveriam ser executados para que o povo tivesse o que lamentar<sup>45</sup>. A idéia não foi realizada por causa de uma intervenção da sua irmã Salomé.

Muitas outras cidades fora de seu reino conheceram seu ímpeto construtor, como Rodia, Nicópolis, Antioquia da Síria, Tiro, Sidônia, Damasco, Atenas, etc.<sup>46</sup>. Para o nosso propósito, queremos descrever ainda brevemente algumas de suas fortificações. Uma delas, o *Herodeion*, situado 11 km a sudoeste de Belém, de longe chamava a atenção. Fora construído numa elevação de 100 m, tinha formato circular e estava cercado por dois muros. Uma grande escadaria de 200 degraus, revestidos de mármore, conduziam ao único portão. Quatro torres guarneciam os muros, uma das

quais ainda hoje alcança mais de 15 m. No interior dos muros, com um diâmetro de 62 m, estavam as instalações palacianas, com locais de residência, piscinas térmicas, cisternas, silos, refeitórios, pátio e quintal. Flávio Josefo relata: “Em vista de sua provisão completa, parecia uma cidade; em vista de seu tamanho, no entanto, apenas um palácio real.”<sup>47</sup> Aparentemente, o castelo não tinha nenhuma função militar ou administrativa. Devia ter sido uma luxuosa instalação de repouso, construída para marcar a ascensão do monarca ao poder.

Em Meqawwer, 13 km ao sul de Madabá, na Jordânia, encontram-se as ruínas da fortaleza de *Maqerus*. Fortificada originalmente no período dos asmoneus, Herodes mandou reconstruí-la pelo ano de 30 a.C. para assegurar as fronteiras orientais do seu império, especialmente para controlar o movimento dos nabateus. Flávio Josefo situa neste local a decapitação de João Batista por Herodes Antipas<sup>48</sup>.

A fortaleza mais impressionante é, sem dúvida, a de *Massada*. Localizada num platô de 426 m de altura à beira do Mar Morto, fora utilizada para fins militares já no período do macabeu Jônatas. Em 40 a.C., Herodes abrigou aqui sua família antes de fugir para Roma, onde iria reivindicar sua realeza sobre a Judéia. De posse da Judéia e da Galiléia, fez construir, com o auxílio de milhares de escravos, a fortificação mais segura e imponente de seu reino. Um muro de 1.300 m circundava o platô, quarnecido por cerca de 30 torres. Várias construções do período herodiano puderam ser identificadas: luxuosas casas de moradia e de administração, piscinas térmicas, cisternas, cidadela, depósitos e uma sinagoga. O palácio norte, com três andares construído no declive do platô, servia de residência privada a Herodes. O palácio ocidental, com uma área de 4.000 m quadrados, era utilizado como residência oficial.

## 2) Nossa Reação como Pessoas Afetadas e Abaladas

Em que medida se tem o direito de atribuir a um governante o predicado de “o Grande”, como no caso de Alexandre, Carlos, Napoleão? O que constitui “grandeza” histórica, quando não se coloca na balança simultaneamente o sofrimento da população civil? A situação não é diferente com Herodes, o “Grande”. Quem se confronta com estes dados, fornecidos pela arqueologia e pela literatura contemporânea, não pode ficar impassível e indiferente. Os arqueólogos não podem contentar-se em descrever a pompa das construções, como se este procedimento já pudesse justificar a existência da arqueologia. Uma arqueologia bíblica tem o compromisso de investigar, a partir das descobertas, o conjunto da sociedade. As descobertas arqueológicas devem interessar não apenas como expressão cultural, como se nada tivessem a ver com a origem social de onde provêm, e sim, como produção cultural de uma sociedade complexa, conflitiva, contraditória e com interesses distintos.

É evidente que o quadro da sociedade herodiana que acabamos de es-

boçar, pintado com palácios, fortalezas, templos, muros, residências luxuosas, piscinas e mausoléus, não pode ser representativo para o conjunto da sociedade. Ele representa *apenas um lado da moeda*, ou seja, a realidade dos ricos e poderosos. Com que interesse foram construídas todas estas obras monumentais? Quem as construiu e em que condições de trabalho? Às custas do que foram construídas? Como viviam os trabalhadores que as construíram com as próprias mãos? Quais as suas possibilidades de reivindicar melhores condições de vida? Quando se lança tais perguntas diante de uma fortaleza como Massada, então as pedras começam a falar, contam histórias povoadas de sofrimento, de terror, de opressão e de morte. Quem encosta os ouvidos ao solo pode ouvir a voz dos milhares de escravos estrangeiros que, a mando de Herodes, carregavam pedras e colunas para o topo da fortaleza a uma temperatura de quase 50° Celsius (nós experimentamos como é difícil dar conta do próprio corpo). Ressoa pelo ar o clamor dos inúmeros escravos judeus que construíram os 185 m de rampa para aproximar as máquinas de guerra dos romanos dos muros da fortaleza. Sente-se a angústia e o coração apressado dos zelotas remanescentes que, num último gesto de afirmação de sua dignidade, preferiram a morte à escravidão<sup>49</sup>.

Ouve-se também a confusão dos legionários romanos, cumprindo ordens descabidas...

... nos quartéis lhes ensinam antigas lições:  
de morrer pela pátria e viver sem razões.

*Este é o outro lado da moeda*, marcado por sacrifícios, suor e sangue de quem foi obrigado a pagar os projetos faraônicos de minorias opulentas.

Certamente não é por acaso que as tradições judaica e cristã fazem uma avaliação tão negativa de Herodes e de seu projeto. Na *Assumptio Mosis*, cap. 6<sup>50</sup>, ele é apresentado como um monarca impetuoso, malvado, ímpio, assassino de jovens e velhos, que introduziu o terror na sua terra. Na história do nascimento de Jesus, ele quer extirpar pela raiz mais um possível concorrente. O texto de Mateus proclama que a terra da promessa tornou-se terra de escravidão. José, Maria e a criança precisaram percorrer o caminho inverso do povo de Israel, buscando *no Egito* seu lugar de refúgio! Mesmo tendo nascido na terra prometida, Jesus tem que reviver a história de seu povo antes de apresentar-se como o libertador.

Pelo que sabemos, a ânsia do povo por libertação naquele tempo era realmente grande. No ano da morte de Herodes explodiu uma revolta popular que associava sentimentos anti-herodianos com sentimentos anti-romanos. Movimentos messiânicos catalisaram a insatisfação popular, pregando não apenas a libertação da soberania herodiana, como também dos odiados ocupantes estrangeiros. A insurreição tomou tal vulto que obrigou a intervenção das legiões comandadas pelo governador da Síria<sup>51</sup>. Duas mil cruces com sediciosos foram erguidas. Como sabemos, muitas outras seriam ainda erguidas. Com a causa de uma delas os cristãos se sabem compromete-

tidos. Uma arqueologia que busca revelar o conjunto da sociedade pode ajudar a desmistificar uma piedade intimista e alienada, redescobrando as cruzeiras lá onde elas foram erguidas.

## Notas

- 1 Tradução do nosso *relatório alemão* para o “Deutsches Evangelisches Institut für Altertumswissenschaft des Heiligen Landes”. Participamos do “Lehrkurs” em 15/07-15/09/1990, visitando, junto com quatro outros colegas da Europa, “sítios arqueológicos” na Jordânia e em Israel.
- 2 GEUS, J. K. de, Die Gesellschaftskritik der Propheten und die Archäologie, in: *ZDPV* 98:51, Wiesbaden, Harrassowitz, 1982.
- 3 KAPELRUD, A. S., *Die Ras-Schamra-Funde und das Alte Testament*. München/Basel, Ernst Reinhard-Verlag, 1967.
- 4 MAGALL, M., *Archäologie und Bibel*. Köln, DuMont, 1986.
- 5 Cf. 1 Rs 14.17; 15.21,33; 16.6.
- 6 VAUX, R. de, *Instituciones del Antiguo Testamento*, Barcelona, Editorial Herder, 1976, p. 115.
- 7 WOLFF, H. W., *La hora de Amós*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1984, pp. 53ss.
- 8 KNUDTZON, J. A., *Die El-Amarna-Tafeln I* (VAB II, 1), Aalen, Otto Zeller, 1964, N° 89; 99; 138; 248; cf. n° 75; 104; 122; 123.
- 9 GEUS, J. K. de, op. cit. (nota 2), p. 54, n. 18, pensa em arameus deportados.
- 10 Cf., relacionado com Hirbet el-Msas: FRITZ, Die kulturhistorische Bedeutung der frühsemitischen Siedlung auf der Hirbet el-Msas und das Problem der Landnahme, in: *ZDPV* 96: 129 ss., Wiesbaden, Harrassowitz, 1980.
- 11 WIRTH, E., Die orientalische Stadt, in: *Saeculum* 6: 81ss., Freiburg/München, Karl Alber, 1975.
- 12 GEUS, J. K. de, op. cit. (nota 2), pp. 51s.
- 13 CRÜSEMANN, F., Alttestamentliche Exegese und Archäologie, in: *ZAW* 91: 179, Berlin, W. de Gruyter, 1979.
- 14 KUSCHKE, A., Arm und reich im Alten Testament, in: *ZAW* 57: 41, Giessen, Alfred Töpelmann, 1939.
- 15 Cf. também AHARONI, Y./FRITZ, V./KEMPINSKI, A., Vorbericht über die Ausgrabungen auf der Hirbet el-Msas (2. Kampagne, 1974), in: *ZDPV* 91: 126s., Wiesbaden, Harrassowitz, 1975.
- 16 CRÜSEMANN, F., op. cit. (nota 13), pp. 188s.
- 17 Cf. AHARONI, Y./FRITZ, V./KEMPINSKI, A., Vorbericht, op. cit. (nota 15), pp. 114ss.
- 18 CRÜSEMANN, Überlegungen zur Identifikation der Hirbet el-Msas in: *ZDPV* 89: 212ss., Wiesbaden, Harrassowitz, 1973.
- 19 FRANKEN, H. J./FRANKEN-BATTERSHILL, C. A., *A Primer of Old Testament Archaeology*. Leiden, E. J. Brill, 1963, p. 99.
- 20 CRÜSEMANN, F., op. cit. (nota 13), p. 189.

- 21 Cf. 2 Rs 15.29; Is 8.23.
- 22 BARDTKE, H., Die Latifundien in Juda während der zweiten Hälfte des achten Jahrhunderts v. Chr., in: *Hommages a André Dupont-Sommer*, Paris, Librairie d'Amérique et d'Orient Adrien Maisonneuve, 1971, p. 254.
- 23 Cf. BORGER, R., Historische Texte in akkadischer Sprache, in: Kaiser, O. (ed.), *Historisch-chronologische Texte I*, Texte aus der Umwelt des ATs I, 4, Gütersloh, Gerd Mohn, 1984, p. 374.
- 24 FINKELSTEIN, I., *The Archaeology of the Israelite Settlement*. Jerusalem, Israel Exploration Society, 1988.
- 25 MENDENHALL, G. E., The Hebrew Conquest of Palestine, in: *BA: 65-78*, New Haven (Conn.), 1962.
- 26 GOTTWALD, N. K., *As tribos de Jahweh*. São Paulo, EP., 1986, pp. 220ss.
- 27 BACHMANN, H. G./ROTHENBERG, B., Die Verhüttungsverfahren von Site 30, in: VV. AA., "*Der Anschnitt*", Zeitschrift für Kunst und Kultur im Bergbau, Beiheft 1: "Antikes Kupfer im Timnah-Tal", Bochum, 1980, pp. 215-236; cf. também: CONRAD, H. G., e outros, Untersuchungen zur Bergbautechnik [in Timnah] und ihre Interpretation, *ibidem*, pp. 69-94.
- 28 O santuário de Hâthor é interessante por ser o protótipo do tabernáculo, do santuário portátil israelita; cf. KEEL, O., e KÜCHLER, M. *Orte und Landschaften der Bibel II*. Zürich/Göttingen, 1982, p. 302; cf. Êx 33.7ss.; Nm 11.16s., 24-30; 12.4s., 10.
- 29 Cf. Dt 4.20; 1 Rs 8.51; Is 48.10; Jr 11.4.
- 30 Foram, por certo, os midianitas que também transformaram o "templo" de Hâthor em uma "tenda de encontro" com Javé; cf. RAD, G. von, *Teologia do Antigo Testamento I*. São Paulo, ASTE, 1986, pp. 28ss.
- 31 Papyrus Harris I, 408.
- 32 PETRIE, F., *Researches in Sinai*. London, 1906, pp.4190s.
- 33 CONRAD, H. G., e outros, op. cit. (nota 27), pp. 93s.
- 34 IDEM, *ibidem*, pp. 78ss.
- 35 Cf. THOMSON, G., Demokratische Ideologie, in: Kippenberg, H. G. (ed.), *Die Entstehung der antiken Klassengesellschaft* (stw 130). Frankfurt/M., Suhrkamp, 1977, pp. 243ss.
- 36 MORUS, Th., *Utopia*, livro I.
- 37 HINKELAMMERT, F., As raízes econômicas da idolatria: a metafísica do empresariado, in: Richard, P., *A luta dos deuses*. São Paulo, EP., 1985, p. 241.
- 38 BACHMANN, H. G./CONRAD, H.G./ROTHENBERG, B., e outros, op. cit. (nota 27), pp. 93 e 233.
- 39 GUNNEWEG, A. H. J., *Geschichte Israels bis Bar Kochba* (ThWi 2). Stuttgart/Berlin/Köln/Mainz, Verlag W. Kohlhammer, 1976, p. 174.
- 40 Sobre seus crimes cruéis, cometidos contra amplos setores da população resistente e contra a sua própria família, cf. também METZGER, M., *História de Israel*. São Leopoldo, Editora Sinodal, 1984, pp. 180ss. Sobre suas grandes construções, cf. GORYS, E., *Das Heilige Land*. Köln, DuMont, 1984, *passim*.
- 41 Cf. Sukka 51b e Mc 13.1; STRACK, H. L., e BILLERBECK, P., *Kommentar zum NT aus Talmud und Midrasch I*. München, C. H. Beck, 1982, p. 944.
- 42 Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas XX*, 219s., cf. THEISSEN, G., *Sociologia do movimento de Jesus*. São Leopoldo, Editora Sinodal, 1989, p. 48.

- 43 Cf. VV. AA., *Flávio Josefo — uma testemunha do tempo dos apóstolos* (Documentos do mundo da Bíblia 3). São Paulo, EP., 1986, pp. 5s.
- 44 Cf. IDEM, *ibidem*, pp. 57s.
- 45 Cf. IDEM, *ibidem*, pp. 56s.
- 46 Cf. IDEM, *ibidem*, pp. 59s.
- 47 Flávio Josefo, *A Guerra dos Judeus I*, 421.
- 48 Cf. VV. AA., *Flávio Josefo*, op. cit. (nota 43), pp. 50s.
- 49 Cf. IDEM, *ibidem*, pp. 90ss.
- 50 Cf. ROWLEY, H. H., *A importância da literatura apocalíptica*. São Paulo, EP., 1980, p. 98.
- 51 Cf. VV. AA., *Flávio Josefo*, op. cit. (nota 43), pp. 60ss.

Friedrich Erich Dobberahn, Dr. Dr. Professor de Antigo Testamento

Verner Hoefelmann, Mag. Theol. Professor de Novo Testamento

Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001 — São Leopoldo — RS